

Covarde em fuga mata motorista de aplicativo

Antônio Ailton, 43, era procurado por agredir a ex-mulher e uma amiga dela, na terça-feira, no Recanto das Emas. Ontem, ele foi preso após assassinar Ana Rosa Rodolfo, 49, com uma faca de serra de cozinha, durante um assalto no Cruzeiro



» DARCIANNE DIOGO
» LETÍCIA MOUHAMAD
» MARIANA SARAIVA

Assassinada em plena luz do dia, Ana Rosa Rodolfo de Queiroz, 49 anos, era uma “mulher trabalhadora e corajosa”, como definiu uma pessoa da família que, diante da emoção, preferiu não se identificar. A motorista de transporte por aplicativo morreu ao ser esfaqueada durante um assalto, na Quadra 4 do Cruzeiro Velho, nesta quarta-feira. O suspeito do crime é Antônio Ailton da Silva, 43, um ex-pastor procurado pela polícia sob a acusação de tentar matar a ex-mulher e uma amiga dela, na terça-feira, no Recanto das Emas. O homem foi preso minutos após o crime, depois de ser perseguido por populares no Sudoeste.

“Ela (Ana) saía de casa ainda de madrugada para trabalhar. Preferia dirigir no Plano Piloto, porque dizia que era mais seguro. Estava fazendo faculdade de terapia ocupacional”, contou a familiar. A motorista, que foi candidata a vereadora em Valparaíso de Goiás, onde morava, deixa o esposo, com quem era casada havia mais de 20 anos, e dois filhos, de 23 e 14 anos.

Ana teria atendido a uma solicitação de corrida em Brasília, com destino a Valparaíso, no Entorno do DF, município onde Antônio também mora. O local exato de onde o suspeito solicitou a corrida não foi confirmado pela polícia, nem se a solicitação ocorreu por um aplicativo ou de maneira informal. No Cruzeiro, Antônio anunciou o assalto, supostamente com a intenção de roubar a bolsa da vítima. A mulher teria reagido, momento em que foi esfaqueada no pescoço, com uma faca de serra de cozinha. Após ser atacada, ela perdeu o controle e bateu o carro.

A dona de uma banca de jornais contou à polícia ter escutado um forte barulho de batida em frente à loja. Quando olhou, viu Antônio saindo do veículo às pressas. A testemunha afirmou ter conversado com a mulher antes de ela morrer. Agoniando, Ana teria dito que trabalhava como motorista de aplicativo e que tinha sido vítima de um assalto.

Ed Alves/CB/D.A Press



Ana teria atendido a uma solicitação de corrida em Brasília, com destino a Valparaíso (GO), no Entorno do DF, onde Antônio mora

Material cedido ao Correio



Antônio possui três passagens por crimes de violência doméstica

Fuga e ataque

Após assassinar a motorista, Antônio fugiu, mas foi perseguido por populares, que gritavam na rua: “Pega, ladrão”. Um sargento do Exército passou pela Feira Permanente do Cruzeiro, quando viu o suspeito passar correndo, vestido de terno e com uma pasta nas mãos. Uma caminhonete passou e o motorista gritou para o militar: “É ladrão. Ele roubou uma mulher”.

O sargento seguiu Antônio e deu ordem de parada, mas o assassino o atacou com uma faca. Depois, voltou a correr e a falar palavras desconexas, dizendo: “Eu fui roubado. Me

roubaram R\$ 1 mil”. O militar tentou conversar, mas o suspeito, novamente, tentou agredi-lo.

O sargento disparou com um revólver contra o chão e Antônio correu em direção ao Sudoeste. Ele passou pelo terminal do Cruzeiro e cruzou a avenida da Jaqueira, quando foi abordado e preso pelas equipes da PM. A fuga foi registrada por uma câmera de segurança instalada na rua.

Revolta

Em frente à 3ª Delegacia de Polícia (Cruzeiro), que investiga o caso e para onde o suspeito

A vítima

Ana Rosa Rodolfo de Queiroz Brandão, 49, era natural de Cristalina (GO) e morava em Valparaíso (GO). Começou a trabalhar como motorista de aplicativo após ser demitida de um cargo comissionado. Ela foi candidata a vereadora em 2020 e deixa o esposo e dois filhos, de 23 e 14 anos.



Reprodução/Redes sociais

foi levado, o clima era de indignação. Ao menos 30 motoristas de transporte por aplicativo buzinaram em protesto ao assassinato de Ana Rosa. Entre eles, estava Camila Cristina, 31, motorista de aplicativo há dois anos.

“Fico arrasada, porque trabalhamos na rua todos os dias para levar o sustento da nossa família. Carregamos pessoas que sequer conhecemos. Minha mãe, que é uma senhora, viu a reportagem sobre o assassinato na tevê enquanto almoçava e ficou em choque, pois poderia ter sido eu”, lamentou a motorista.

Amigo de Rosa, Manoel Scooby, 47, chegou abalado à delegacia.

Também motorista de aplicativo, ele disse não acreditar na tragédia. “Conheço ela (Ana) desde 2017, era motorista ‘das antigas’. Fazíamos protestos e íamos à Câmara Legislativa apresentar proposta”, contou. O assassinato de Ana Rosa é tratado como flagrante de latrocínio.

A Uber informou que a última viagem de Ana pela plataforma foi concluída normalmente e que, portanto, não há indício de que o caso tenha relação com a empresa. “É importante verificar com outras plataformas, mas pode ser que o criminoso tenha abordado a vítima de outra forma, e não com um usuário de app.”

Agressivo e artiloso

» BRUNA PAUXIS

“Um pesadelo”, foi a frase usada pela ex-mulher de Antônio, atacada por ele, para descrever as agressões do ex-esposo contra ela e uma amiga, na madrugada de terça-feira, um dia antes do ex-pastor assassinar a motorista de aplicativo. “Ele me enforcou, quase me matou. Foi uma coisa terrível, eu nasci de novo”, contou a vítima.

Antônio e a vítima foram casados por cerca de um ano e moravam em Valparaíso de Goiás. O ex-pastor de uma igreja evangélica do município teria começado a usar drogas e a beber, motivo que levou a mulher a dar um ponto final na relação. A vítima deixou a casa e alugou um barraco ao lado da residência da amiga, no Recanto das Emas. No dia do crime, ela dormiu no imóvel da colega, uma idosa de 66 anos.

Antônio esperou a dona da casa ir para o quarto e aproveitou o momento para invadir o cômodo onde estava a ex-mulher. A vítima, então, foi dormir no sofá da sala e relatou à polícia ter despertado com Antônio por cima dela. Segundo o delegado Fernando Fernandes, chefe da 27ª DP, a mulher fingiu-se de morta para escapar das agressões.

Após o ataque, o homem se dirigiu ao quarto da dona da casa, bateu na porta e pediu socorro, alegando que a ex estaria passando mal e precisava de ajuda. A mulher abriu a porta e foi surpreendida com murros. Enquanto tentava desvencilhar-se das agressões, desmaiou e acordou por volta das 4h. Antônio já havia fugido.

O delegado afirmou que o suspeito é “ardiloso”, o que tornou o seu rastreamento difícil. “Ele não usava redes sociais, não andava com celular, evitava fotos, o que dá a entender que ele pode estar sendo procurado em outra unidade da federação”, detalhou Fernando Fernandes, acrescentando que o homem possui três passagens em seu estado de origem, Pernambuco, por crimes de violência doméstica.

Ao ser preso, em depoimento, Antônio aparentava estar sob efeito de drogas ou álcool. “Ele (Antônio) tentava falar algumas passagens bíblicas, inventava histórias e dizia ter sido vítima de assalto”, disse Fernandes.

José Albuquerque/CB/D.A Press



Richard Alves, 25 anos, é motorista de aplicativo há cinco anos

Rotina de medo nas ruas da capital

» JOSÉ ALBUQUERQUE*

Dilson Nilmar, 59 anos, morador de Samambaia, é motorista de aplicativo e roda 13 horas por dia. Ele considera a profissão arriscada para o condutor. “Tomo muito cuidado, observo onde o passageiro está, a nota no aplicativo e o horário da corrida. Se por algum motivo desconfiar de algo, cancelo e vou embora. Não vale a pena correr riscos por um valor tão ínfimo”, completou.

O motorista cobra mais medidas de segurança, mas se mostra desesperançoso com a postura das empresas de transporte em relação a políticas trabalhistas. “As

plataformas não querem saber dos motoristas, eles nunca vão fazer nada por nós. É mais fácil tirarem os benefícios que já existem”, reclamou.

Para ele, uma possível solução para tornar o trabalho mais seguro seria uma política de “nada consta” para o cadastro de passageiros. “Assim como é exigido dos motoristas, tinha que exigir dos passageiros. Eu me sentiria mais seguro sabendo que a pessoa que eu transporto não tem antecedentes criminais”, disse.

Richard Alves, 25, é motorista de aplicativo há cinco anos e já fez mais de 15 mil corridas. Entre elas, uma o deixou apreensivo

enquanto trabalhava. “Aceitei uma corrida de madrugada e no perfil que pedi a viagem constava uma mulher. Quando cheguei, era um homem que tinha aproximadamente a minha idade. Quando ele entrou no carro, percebi que portava uma tornazeleira eletrônica. Fiquei com medo, mas não cancelei a corrida. Graças a Deus, tudo correu bem”, lembrou o motorista.

Ele afirmou que o maior critério de avaliação para segurança nas plataformas em que opera é a nota do passageiro no aplicativo. “A nota dá uma referência de como vai ser a corrida. Se for menos de 4,70, é dor de cabeça na certa”, esclarece.

Ele vê no reconhecimento facial um caminho para aumentar a sensação de segurança no trabalho. “Um sistema onde a corrida só fosse validada com o reconhecimento seria o ideal. Resolveria o problema dos perfis sem foto, que são o maior motivo de cancelamento de corrida por parte dos motoristas, além da questão de terceiros pedirem corrida, o que facilita que delitos sejam cometidos, já que não tem forma de rastrear dados de quem cometeu o ato, só de quem pediu a viagem”, concluiu.

* Estagiário sob a supervisão de Eduardo Pinho